A Literatura-Mundo e O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação*

World-Literature and The Year Pigafetta Completed the Circumnavigation

MARIA LUÍSA MALATO

Universidade do Porto

mlmalato@gmail.com

Palavras-chave

Literatura Comparada; Literatura-Mundo; Tradução; Interculturalidade; Antonio Pigafetta; Luís Cardoso; Timor-Leste.

Keywords

Comparative Literature; World-Literature; Translation; Interculturality; Antonio Pigafetta; Luís Cardoso; East Timor.

A primeira viagem de circum-navegação – iniciada em 1519, por Fernão de Magalhães, completada por Juan Sebastián Elcano em 1522, e registada pelo cronista Antonio de Pigafetta em 1524 – deu uma resposta empírica a quatro questões científicas: se a Terra era navegável para oriente por ocidente; se o continente americano tinha uma passagem para outro oceano na sua extremidade sul, à semelhança do continente africano; qual a verdadeira dimensão da circunferência da linha do Equador; e se a viagem, deslocação no espaço, condicionava a contagem do tempo. Segundo Roditi, demonstrou a relatividade do “tempo, espaço, matéria e universo, como algo de contínuo”. Metaforicamente, *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação* – publicado por Luís Cardoso em 2013 e em diálogo com o texto de Pigafetta – parece-nos ser pretexto para semelhantes reflexões sobre o conceito de “Literatura-Mundo”: se o espaço, o tempo, a matéria e o universo são conceitos relativos entre si, navegáveis em tradução/translação.

The first voyage of circumnavigation – started in 1519 by Magellan, completed by Elcano (1522), and narrated by Pigafetta in *Relazione del primo viaggio in torno al mondo* (1524) – gave empirical answers to four different scientific questions: if one could travel by sea and reach East by navigating West; if the American continent had a south passage to another ocean; what was the real dimension of the Equator; and if going eastwards made travels shorter, showing that time is conditioned by the direction of movement. Travels prove, according to Roditi, the relativity of “time, space, matter and the world as a continuum”. *The Year Pigafetta Completed the Circumnavigation* [O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação] – a novel published in 2013 by Luís Cardoso and based on a dialogue with Pigafetta’s writing – seems to address, metaphorically, similar questions about “World-Literature”: if space, time, matter and the world are interrelated concepts in translation.

* O presente artigo foi desenvolvido no âmbito do Programa Estratégico Integrado UID/ELT/00500/2013; POCI-01-0145-FEDER-007339.

Pigafetta fez-lhe uma pergunta antes de iniciar a sua saga. Se sabia o que era uma viagem de circum-navegação? Uma viagem à volta do mundo. Perante a passividade do secretário, teve de lhe explicar que o mundo era uma bola redonda. Assim como uma laranja.

(Luís Cardoso, *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação*)

A viagem de Fernão de Magalhães (1519-1522) não foi planeada para ser de circum-navegação. Magalhães projetava somente chegar às Molucas por ocidente e regressar pelo caminho inverso, evitando a metade do mundo atribuída pelo Tratado de Tordesilhas aos navios portugueses. Magalhães morreria em 1522, nas Molucas, tendo a viagem sido completada por João Sebastião Elcano, um membro da expedição que optou por prosseguir para ocidente. A viagem de circum-navegação também não veio provar que a Terra era redonda: no século XVI, a esfericidade da Terra era um “facto” teoricamente provado. Todavia, a viagem projetada por Magalhães tornou possível provar quatro pontos: “que o continente americano, tal como a África, pode ser circum-navegado; que a circunferência da Terra no seu Equador ou ao longo de qualquer dos seus meridianos é maior do que qualquer geógrafo desde Ptolomeu, no século II, quis acreditar; que a Terra, como mera evidência empírica, é realmente uma esfera, e que circum-navegando-a se ganha um dia no sentido do movimento do Sol, de este para oeste” (Roditi, 1989: 15).

Estas questões têm especial relevo no relato da viagem escrito por Antonio Pigafetta, cartógrafo italiano. Embarcado com a função de “criado del Capitán y sobressaliente”, Pigafetta teve, por exemplo, a função de tradutor (“lenguaraz”) pela variedade de línguas que conhecia (Roditi, 1989: 95). Apresentou um raro motivo para embarcar: a curiosidade¹. Tornou-se próximo de Magalhães, numa viagem em que os espanhóis da tripulação frequentemente duvidaram da sua lealdade ao rei de Espanha. Participou em toda a viagem, sendo um dos 18 membros da tripulação que regressou em 1522 a Espanha, entre os 237 embarcados em 1519 – o que não aconteceu a Maximiliano da Transilvânia, a quem Carlos Quinto pediu a crónica oficial (*De Moluccis Insulis*, 1523). Foi Pigafetta o primeiro a alertar os geógrafos para a possibilidade de a viagem por ocidente ganhar um dia face aos marcados no seu calendário, longo de três anos. Com o relato de Pigafetta, a viagem de Magalhães-Elcano passou a evidenciar uma diferente relação da experiência com a ciência: a viagem teria demonstrado, segundo Eduardo Roditi, uma teorização relativista “de tempo, espaço, matéria e universo, como algo de contínuo, permanecendo infinito como um buraco, onde quer que seja e sempre uma parte finita de si mesmo” (Roditi, 1989: 15).

As palavras de Eduardo Roditi sobre a viagem de Magalhães lembraram-nos estranhamente as de David Damrosch sobre o conceito de “Literatura-Mundo”, também elas marcadas pela imagem da circularidade. Damrosch via na Literatura-Mundo modelos emergentes que relativizavam a percepção do espaço, da matéria e do tempo:

1. World literature is an *elliptical refraction* of national literatures.
2. World literature is writing that gains in *translation*.

¹ “Perchè sono molti curiosi [...] che non solamente se contentano de sapere e intender ele grandi ed ammirabili cose che Dio me há concesso di vedere” (Pigafetta, s. a., s. p., *online*).

3. World literature is not a set canon of texts but a mode of reading: a form of detached engagement with *worlds beyond our own place and time*. (D’haen; Dominguez; Thomsen, 2012: 201)²

A “Literatura-Mundo” é um conceito dúctil que concilia reflexões muito antigas ao mesmo tempo que aponta para novos caminhos. O próprio Damrosch aponta para a pertinência de uma releitura dos textos de Goethe, um dos primeiros a falar de uma *Weltliteratur*, expressão que, no século XIX, seria preferencialmente traduzida por “Literatura Universal”; no século XX, por “Literatura Comparada”; e, por ora, no século XXI, por “Literatura-Mundo”. A Damrosch interessa explicitamente recordar aquela visão cosmopolita da *Weltliteratur*, que Goethe identificava com uma alargada conversação (“a great conversation”, nas palavras de Damrosch) sobre a Literatura, um diálogo nunca acabado entre autores e leitores, independentemente do seu génio individual ou coletivo. Cremos que Damrosch leria com prazer alguns textos de Fidelino de Figueiredo, introdutor do conceito de “Literatura Comparada” em Portugal e depois também ele desiludido, logo na primeira metade do século XX, dos rumos nacionalistas que ia tomando a disciplina (Malato, 2016). Ao longo da primeira metade do século XX, o afastamento de Fidelino de Figueiredo do conceito de Literatura Comparada explica-se quase exclusivamente por ele ver na “Literatura Comparada” uma cada vez maior negação do conceito de *Weltliteratur*, delineado por Goethe (Malato, 2016: 339-363; cf. Milhazes, 2017: 34 *et passim*). Com efeito, segundo Fidelino de Figueiredo, a crítica comparativa só ganharia foros de especialidade autónoma se servisse...

[...] não para explicar determinado facto de uma literatura nacional, mas para surpreender e evidenciar solidariedades espirituais, na lógica que forçosamente existem, apesar da aparente diversidade das literaturas nacionais, e que formam como um fundo comum, que os críticos alemães, perfilhando uma designação de Goethe, chamam de *Die Weltliteratur*. (Figueiredo, 1962: 165)

Segundo Goethe (citado depois por Fidelino de Figueiredo e David Damrosch), dessa conversação ou “detached engagement”, talvez não nascesse uma paz universal, mas seguramente, através dela, “a discórdia inevitável se tornaria pouco a pouco mais perdoável, a guerra menos cruel e a vitória menos arrogante”³. Goethe usa recorrentemente a metáfora do comércio, agora aplicada à leitura, numa época em que o “elogio do comércio” servia como tópico filosófico-literário, como promotor da tolerância entre os povos e entre os indivíduos. Mas talvez esta mesma ideia já esteja na etimologia da palavra “interpretação”, a ação de trocar (*inter-*) preços / valores (*-pret-*). A *Weltliteratur* seria, deste modo, uma espécie de comércio internacional, com todas as armadilhas que certamente há na interpretação literária e no comércio:

² Itálicos nossos, ainda que admitindo como oportuna a palavra que em inglês designa a tradução: “translation”. Ainda que não explorada, reencontrámos depois esta valorização da definição circular da Literatura-Mundo num ensaio de Maria Graciete Gomes da Silva, “Literatura-mundo ou A abolição do rectilíneo” (2013).

³ Tradução nossa. Na edição consultada: “On ne saurait certes espérer que ce faisant une paix universelle s’instaurera, mais au moins que la dissension inévitable deviendra peu à peu plus vénielle, la guerre moins cruelle et la victoire moins arrogante” (Goethe, 1996: 299).

Tout ce qui dans les œuvres poétiques d'une nation tend vers ce but et y contribue, les autres doivent se l'approprier. Il faut apprendre à connaître les particularités de chaque nation, afin de les lui laisser ce que justement permet qu'on entre en échange avec elle: car les particularités d'une nation c'est comme sa langue et sa monnaie, elles facilitent les échanges, davantage même, elles seules les rendent possibles dans toute leur ampleur. (Goethe, 1996: 299)⁴

Ainda que Goethe tenha feito vinte e uma referências ao conceito de *Weltliteratur*, nelas nunca chegou a defini-lo (cf. D'haen; Domínguez; Thomsen, 2012: 9). Mas em nenhuma referência de Goethe parece haver contradição entre universalidade e particularidade, individual ou nacional⁵. Posição semelhante à de Goethe, descontado o pós-nacionalismo e o pós-cosmopolitismo, é aquele que ainda podemos ler muito depois em Figueiredo, no século XX, ou em Damrosch, quase cem anos depois. Recordemos: “World literature is an *elliptical refraction* of national literatures” (Damrosch in D'haen; Domínguez; Thomsen, 2012: 201). Goethe, Fidelino e Damrosch evocam semelhantes razões⁶. Entre universalidade e particularidade não haveria qualquer contradição da parte de Goethe, pois ele (tal como Damrosch, in D'haen; Domínguez; Thomsen, 2012: 201) concebia a variabilidade como elemento de constância e união (cf. Schaeffer in Goethe, 1996: 297), como fator de “gênio”, acrescentaríamos, lembrando o contexto iluminista. Num contexto que certamente está mais ligado ao empirismo de Setecentos do que ao determinismo de Oitocentos, dir-se-ia até que Goethe alerta para os perigos de uma seleção amorfa de uma literatura universal ou universalizável, sem marcas de gênio individual ou nacional⁷. Essa “literatura universal” é tão perigosa quanto uma literatura

⁴ Tradução nossa: “Tudo o que nas obras literárias de uma nação tende para esta finalidade, e para ela contribui, se devem apropriada as restantes. É preciso aprender a conhecer as particularidades de cada nação para que elas guardem o que precisamente lhes permite um processo de troca: pois as particularidades de uma nação são como a sua língua ou a sua moeda, facilitam as trocas, mais do que isso, elas são a única coisa que tornam possíveis as trocas, em toda a sua amplitude”.

⁵ Jean-Marie Schaeffer sublinha-o: a época em que Goethe mais se interessa pelo conceito de *Weltliteratur*, é também a época em que Goethe mais se interessa pela formação de uma literatura nacional alemã: esta não deve ter uma intenção que impeça a outra: “[...] on laisse en paix ce qui fait la particularité des différents individus humains et des différents peuples, tout en restant convaincu que le trait distinctif de ce qui est véritablement méritoire réside dans ce qui appartient à toute l'humanité” (Goethe, 1996: 299-300).

⁶ O conceito de Literatura-Mundo implicaria uma distinta forma de ler (*How to Read World Literature*, 2009a) e ensinar literatura (*Teaching World Literature*, 2009b), mas também um consequente processo de releitura dos cânones, desde logo dos que estão ligados às identidades nacionais, ainda que eles fossem eternamente variáveis. Pressupõe assim uma reaproximação da Literatura Comparada ao conceito de Literatura nacional, ou pós-nacional: “Comparatists in the postwar era often returned the specialists' disregard, holding out messianic hopes for world literature as the cure for the ills of nationalistic separatism, jingoism, and internecine violence – and, by implication, advancing the comparatist as the transcendent heir to the narrowness of monolingual specialization. Comparative literature was to be the great corrective for the «nationalistic heresy», as Albert Guérard put in a lead article in the *Yearbook of Comparative and General Literature* in 1958” (Damrosch in D'haen; Domínguez; Thomsen, 2012: 201).

⁷ “Only, we repeat, the idea is not that the nations shall think alike, but that they shall learn how to understand each other, and, if they do not care to love one another, at least they will learn to tolerate one another” (Goethe in D'haen; Domínguez; Thomsen, 2012: 13). É nesse mesmo sentido que Goethe anteciparia as reflexões de alguns comparatistas sobre os perigos reais de uma literatura-mundo que busque a uniformização dos escritores e dos leitores (cf. Figueira, 2017).

centrada no espírito nacional, pois ambas se protegem excessivamente de uma “polinização” (Buescu, 2013: 49) que possa fortalecer os processos de recriação:

Left to itself every literature will exhaust its vitality, if it is not refreshed by the interest and contributions of a foreign one. What naturalist does not take place in the wonderful things that he sees produced by reflection in a mirror? Now what a mirror in the field of ideas and morals means, everyone has experienced in himself, and once his attention is aroused, he will understand how much of his education he owes to it. (Goethe, *in* D’haen; Domínguez; Thomsen, 2012: 12)

1. “World literature is an *elliptical refraction* of national literatures”

O ano em que Pigafetta completou a *circum-navegação*, romance do escritor timorense Luís Cardoso, publicado em 2013, parece ter sido escrito para ilustrar estes vários aspetos do conceito de “Literatura-Mundo”. Como se ele fosse o romance-tese que não quer ser. Publicado um ano depois das celebrações dos 500 anos dos primeiros contactos dos timorenses com os portugueses (assinalados em 2012), o romance remete, indesmentivelmente, para um contexto político: a celebração dos dez anos de independência de Timor-Leste. Mas centrando-se nos eventos anteriores, como os últimos anos da presença portuguesa, a invasão do território pelas forças militares indonésias e a consequente guerra civil, durante a qual foram mortos cerca de 100 000 timorenses, mais de um décimo da população timorense na época. O romance, cuja intriga se concentra no período da invasão indonésia (1975-2002), celebra a resistência de um país aos seus invasores.

A data da publicação lembrava, indiretamente, muitas outras invasões. Em Timor, durante o ano de 2012, recordaram-se também os 70 anos da invasão japonesa (1942-1945), antecedida da ocupação pela Austrália em 1941, quando Timor como linha de defesa da expansão nipónica: teriam então morrido pelo menos 40 mil timorenses. Em 2012, celebraram-se igualmente os cem anos da primeira grande revolta dos timorenses contra a presença portuguesa: a revolta do Manufahi, liderada pelo liurai D. Boaventura da Costa: segundo os números apresentados pela administração portuguesa, seriam feitos prisioneiros 12 567 timorenses e 3424 seriam dados como mortos. De forma menos explícita, o romance remete ainda para as muitas outras “invasões” de povos orientais e ocidentais, com objetivos políticos e/ou comerciais. As descrições das personagens do romance ilustram o hibridismo genético dos timorenses, descendentes dos povos malaio-polinésios e melanésios, a que se foram juntando vagas de portugueses, holandeses, japoneses, chineses, americanos, goeses, macaenses, australianos. Ainda que o romance esteja em português, amiúde os vocábulos estrangeiros (em tétum, inglês, bahasa, italiano, chinês...) lembram a necessidade de um tradutor.

O título do romance, *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação*, alude, num primeiro nível de leitura, para aquele mesmo autor italiano, António Pigafetta, que por curiosidade pediu para acompanhar Fernão de Magalhães, e se tornou seu cartógrafo, criado supranumerário e tradutor. Pigafetta seria o autor da mais completa descrição desta viagem de Fernão de Magalhães, publicada em Itália, logo em 1524: *Relazione del primo viaggio in torno al mondo*. A identificação deste possível protagonista, identificado no título do romance, não deixaria de confirmar o contexto político da sua leitura. Embora o italiano Pigafetta só tivesse passado em Timor em 1522, dez anos depois de por lá terem aportado os primeiros portugueses, o seu relato é hoje o primeiro retrato dos timorenses feito por estrangeiros e, mais especificamente,

por europeus. Os europeus não ficam com uma boa imagem neste retrato de Pigafetta: os membros da tripulação de Fernão de Magalhães chegam a Timor pouco depois da morte do Capitão nas Molucas, desembarcam para negociar víveres e, não tendo bens suficientes para os comprar, sequestram o liurai de Balibó e o seu filho. Escreve Pigafetta, cronista do falecido Fernão de Magalhães:

Noi, avendone poche e costringendone la fame, ritenessimo ne la nave uno principale con uno suo figliuolo de un'altra villa, detta Balibo, e per paura [*che*] non lo amazzassimo, subito ne dette sei bufali, cinque capre e due porci, e per compire lo numero de dieci porci e dieci capre, ne dette uno bufalo, perchè così gli avevamo dato taglia. Poi li mandassimo in terra contentissimi con tela, panni indiani de seta e de bambaso, accette, cortelizi indiani, forbici, specchi e coltelli. (Pigafetta, s. a.: *online*)⁸

Se o título parece remeter o leitor para o italiano Pigafetta, cronista de Magalhães, logo as primeiras páginas do romance alertam o leitor para um primeiro equívoco cultural: Pigafetta é no romance o nome de um sacristão timorense com o mesmo nome do cronista. Por ser albino, foi abandonado pelos pais a um padre (o P.e Albino) que, tendo de lhe dar um nome cristão, o foi buscar a um livro italiano perdido na sacristia, a *Relazione del primo viaggio in torno al mondo*, escrito pelo cronista de Fernão de Magalhães. O nome cristão é um acaso. Mas desde cedo Pigafetta, timorense e albino – lê no seu nome um (novo e antiquíssimo) sentido, um novo sentido: ele é afinal também, como o cronista, um “supranumerário”: para todos, autóctones e invasores, ele é da raça do “outro”, alguém a mais, linguisticamente identificado com um “bicho”, um “pato”, ou uma “mulher” (já que, em tétum, *fetta* quer dizer mulher). É por isso que o sacristão Pigafetta aprende de cor o texto em italiano do cronista Pigafetta. Confundem-se então os dois sujeitos e os seus discursos.

Foi como se tivesse dado uma volta ao mundo

– Quem era esse Pigafetta?

– O supranumerário (Cardoso, 2013: 61)

Quando Pigafetta-timorense conta a história de Pigafetta-italiano tornam-se evidentes no presente os equívocos lidos na História: as manhas da sobrevivência, a animosidade que os espanhóis da tripulação tinham a Fernão de Magalhães, português; a mestiçagem das raças e o hibridismo das nacionalidades dos marinheiros. Repetem-se, uma vez mais, o sentido de aventura que levou Pigafetta a embarcar, ou o medo de ler mal o que é dito ou tresler, forçando os sentidos do “texto”:

– Os *malaes* não são de confiar [...]

– Espanhóis, camarada, espanhóis [...]

⁸ Tradução nossa: “E, tendo nós pouquíssimas coisas para troca e constrangidos pela fome, fizemos reféns na nau um chefe de uma outra localidade chamada Balibó, com o seu filho pequeno, e por medo que os matássemos nos deram logo seis búfalos, cinco cabras e dois porcos. Mas em vez de completar o resgate com dez porcos e dez cabras, nos deram um búfalo. E depois os devolvemos a terra bem contentes com tecido, panos indianos de seda e algodão, azeite, machados indianos, navalhas, espelhos e facas”.

Espanhóis, italianos e toda uma sorte de gente vinda da Europa e que procurou nessa aventura uma oportunidade para salvar as vidas.

O único que sabia o que estava a fazer era o navegador português, que conquistou a confiança do cronista italiano.” (Cardoso, 2013: 63)

O novo contexto em que aqui lemos *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação* – já não tanto o da celebração da independência de Timor mas, sete anos depois, o da celebração da viagem de circum-navegação de Magalhães/Elcano – incita o leitor a um primeiro exercício intertextual, que é o seu cruzamento com a *Relazione del primo viaggio in torno al mondo*, do italiano Pigafetta (o livro que Pigafetta-sacristão cita ao longo do romance). Devemos talvez então recordar que, segundo Damrosch, a noção de Literatura-Mundo se estabelece quase sempre a dois níveis de relação textual: a existente entre textos específicos, de um mesmo autor ou de autores diferentes (a que Cesare Segre reservara o nome de “intertextualidade”), e a existente entre discursos ideológicos (que Cesare Segre denominara “interdiscursividade”).

[...] the great conversation of world literature takes place on two very different levels: among authors who know and react to one another’s work, and in the mind of the reader, where works meet and interact in ways that may have little to do with cultural and historical proximity. (Damrosch, 2003: 298)

Esta tipologia de Segre (1983), quando cruzada com o conceito de Damrosch, tem a nosso ver a vantagem de elucidar a complexidade de uma “fenomenologia das fontes” (15-28), indispensável para considerar a complexidade dos fenómenos de “polinização” e “relação” cultural (Buescu, 2013: 48-49), que equivale a essa interminável conversação entre escritores e leitores sobre o que distingue e une os dois níveis da Literatura-Mundo: uma conversação “among authors who know and react to one another’s work, and in the mind of the reader, where works meet and interact in ways that may have little to do with cultural and historical proximity” (Damrosch, 2003: 298). Tal continuidade entre os dois níveis é explicitada no final do romance, ainda que vá sendo construída desde o título, ambíguo quanto ao protagonista do feito histórico, Pigafetta (cronista ou sacristão) e não Magalhães ou Elcano... Ainda que uma das personagens, o marido da avó Aurora, seja sumariamente descrito como pequeno e coxo, as duas únicas características físicas que se sabem sobre Fernão de Magalhães, por assim o ter descrito Bartolomeu de las Casas, na *Historia de las Índias* (Roditi, 1989: 65, 81).

O romance não é somente uma apropriação de outro livro, mas de muitos livros e histórias de muitos lugares e tempos, acoplados para contar uma história complexa: a independência de Timor.

Assim aconteceu com a circum-navegação. O êxito deveu-se em grande parte a alguém que desde o início acreditou que seria possível.

Numa outra direção [a mesma numa Terra redonda], foi a aventura levada a efeito por um punhado de homens que um dia foram para as montanhas. [...] Pergunto quantos dos timorenses que embarcaram nessa aventura de construir um país independente acreditavam realmente num final feliz. Muitos dos que participaram fizeram-no pelos mais diversos motivos. Como aconteceu com os companheiros de viagem de Fernão de Magalhães. (Cardoso, 2013: 244)

A “refração elíptica das literaturas nacionais” de que fala Damrosch (ou a “reflexão imagética” de que fala Goethe) expressa, com metáforas visuais, a necessidade de um duplo na criação, um sujeito dramático, em luta, não importando que ele se venere ou se odeie: importa somente que, por ambas as razões, o “outro” dialeticamente nos molde:

This refraction, moreover, is double in nature: works become world literature by being received into the space of a foreign culture, a space defined in many ways by the host culture’s national tradition and the present needs of its own writers. [...] The receiving culture can use the foreign material in all sorts of ways: as a positive model for the future development of its own tradition; as a negative case of a primitive, or decadent, strand that must be avoided or rooted out at home; or more neutrally, as an image of radical otherness against which the home tradition can more clearly be defined. (Damrosch *in* D’haen; Domínguez; Thomsen, 2012: 201)

Tal refração pode ser descrita, segundo Damrosch, através da geometria da elipse, criada a partir de dois focos não sobrepostos: a fonte e a cultura recetora (Damrosch *in* D’haen; Domínguez; Thomsen, 2012: 201). Com efeito, no romance de Luís Cardoso, a oposição (ou a “dialética” no jargão revolucionário) é apresentada como elemento essencial da trama narrativa.

Embora discordasse do seu ponto de vista, achava-o sincero nos seus propósitos e muitas vezes, por falta de uma boa argumentação, socorria-se de uma frase feita
– É a dialética
Que servia para justificar tudo e mais alguma coisa. (Cardoso, 2013: 12)

Ironicamente, Luís Cardoso semeia o romance destas “dialéticas”, entidades que agem aos pares, alternando o impulso da criação. A mais notável talvez seja o das silenciosas gémeas Ema e Uma (que, em tétum, significam respetivamente a Gente e a Casa, forma de falar do coletivo e da sua intimidade). As sandálias mostram a ponderação de dois focos da elipse: “a fonte” e “a cultura recetora”, nos termos de Damrosch. O efeito se torna origem, como a origem era já um efeito. Significativamente, a narração do romance é suportada por essas duas sandálias, uma que fala, outra que resmunga: “as sandálias nunca tiveram escolha. Foram impostas uma à outra para que se aturassem uma à outra até se desfazerem”. São as duas sandálias que “aguentam com o peso dos homens”, divididos entre a ordem e o caos, pois quando eles estão fartos dos sapatos “que os tornam serviçais no emprego e na vida às convenções” se vingam nelas numa “fúria desgraçada de pedintes” (Cardoso, 2013: 9, 77, 83).

2. “World literature is writing that gains in *translation*”

As sandálias falam, conversam, mas não escrevem. Nunca sabemos quem escreve, como se o romance se situasse ainda numa dimensão oral, ainda sob muitos aspetos dominante na transmissão da cultura timorense, sendo Luís Cardoso, o escritor, ou seja, o dono da palavra (em tétum, o *lia-nain*). Mas não é ele somente um tradutor entre tradutores, naquela mesma função de Pigafetta, “lenguaraz” de Fernão de Magalhães? Ou não tem ele aquela função de Carolina, que fala por Pigafetta, a quem cortaram a língua por saber demasiadas coisas?

Vai precisar de durubasa [tradutor]

Por ter a língua cortada. Ela poderia falar por ele. Nunca se sabe as dificuldades que pode encontrar um mudo. (Cardoso, 2013: 159)

Como Goethe referiu, todo o tradutor vive de negociáveis equivalências. *Fifty-fifty* nunca é *fifty-fifty*, no barlaque, dotes do casamento, ou na vida. Já tudo estava nas artimanhas da troca entre a vida e os búfalos, narrada pelo cronista Pigafetta. Dissera Pigafetta que cada parte julgou ter enganado a outra, não lhe dando tudo o que pedia. O mesmo se passa no romance de Luís Cardoso com os bens, e com o maior dos bens, as palavras. Se “interpretar” é dar um preço equivalente, sempre cada um se apodera do que não é seu. Pigafetta-timorense toma como suas as palavras do Pigafetta-italiano. Cita-lhe de cor as palavras que escreveu sobre o momento da chegada, à baía de Sanlucar, num sábado, a 6 de setembro de 1522, três anos depois de ter partido, dezoito dos sessenta que tinham partido das Molucas, perdidos entretanto os que morreram de fome, os que fugiram e ficaram na ilha de Timor e os que morreram devido aos seus delitos: “Il resto, de sessanta che partissem da Maluco, chi morse per fame, chi fuggitte nell'isola di Timor, e chi furono ammazzati per suoi delitti” (Cardoso, 2013: 63). A frase aparece em italiano no romance de Luís Cardoso, e nunca é traduzida “à letra”. Talvez para que depois a personagem lhe possa dar uma interpretação, ainda mais livre: “Pigafetta disse um dia que os que fizeram a circum-navegação e que tiveram a sorte de regressar à Europa já não eram os mesmos que partiram” (Cardoso, 2013: 210).

Como se a alusão fosse assumidamente uma tradução, em novo contexto, e legitimasse uma reavaliação, uma refração do que tinha sido dito/escrito. Pigafetta-timorense alterou já a interpretação do texto de Pigafetta-italiano. Refere agora uma suposta lenda timorense, que torna Pigafetta-italiano em Pigafetta-timorense. Fugiu para terra, em Timor, misturou-se entre os que Pigafetta-cronista diz que se recusaram a seguir a rota de Elcano. Permaneceu na ilha, onde deixou larga descendência: sua estranha pele albina era disso prova. O Pigafetta-italiano, que escreveu o relato, é agora o Pigafetta-falso. O verdadeiro Pigafetta é timorense, um sacristão albino, seu descendente:

Alguns continuavam ausentes. Embalados pelos anos que passaram no mar. Entre a água e o céu. Outros apropriaram-se da identidade dos que não voltaram. Como aquele que publicou o livro da volta ao mundo. Deu-lhe fama e talvez proveito. (Cardoso, 2013: 210)

Por força do Eterno Retorno, da Roda da Fortuna ou do Rain-fila (nome em tétum, para designar os fenómenos de “mundo ao avesso”, quando os que perseguem passam a ser perseguidos e os que serviram agora se mostram arrogantes), a tradução gera um sistema de equivalências fiável para a parte que a acolhe. Dá o que pode ser recebido. O romance exemplifica *ad nauseam* a certeza de que as posições de cada um, alteradas pela revolução em 360°, podem conduzir a uma empatia tolerante.

Se as perspectivas ou ideias se repetem, podem generalizar-se através das metáforas as informações obtidas nas várias experiências do coletivo (História) ou do indivíduo (biografia). Trata-se, para Luís Cardoso, de um processo de conhecimento inevitável, nem bom nem mal, em que da constatação da semelhança ($X \approx Y$) se passa pela interseção entre duas imagens distintas ($X \cap Y$) e a consequente substituição de uma imagem por outra ($\rightarrow X = Y$). Como explicar o que era uma viagem de circum-navegação a quem não sabe que o mundo é redondo? Assim como uma laranja. A tradução começa por ser uma metáfora, por que só assim se transmite a informação comum:

Lianas trepavam pelos troncos e sufocavam-nas. Tinha visto idêntica cena quando uma jiboia se enrolou no corpo de um búfalo (Cardoso, 2013: 60)

[...] sabes o que significa a palavra ‘insuportável’? Pois claro que sabes sendo tu professora formada na Canto Resende. É quando o fogo nos entra pela casa dentro e o fumo nos sufoca e nos deixa sem respiração (108)

Metonímias, sinédoques, hipálages, metalepses ou antanáclases, todas são generalizações em que a causa vale pelo efeito, a parte é lida como todo ou a mesma palavra evoca muitos sentidos. “Cheira a água de colónia. É este o cheiro dos *malaes* quando estão na colónia” (Cardoso, 2013: 136); “A época do *Português Suave*, o período do *kretek*, a fase do *Marlboro*” (*Ibid.*, 178). Na linguagem há inevitavelmente ironia, quando a reverência esconde o desprezo. As repetições levam sempre a novos sentidos da palavra. Ainda que sejam repetições imperfeitas, paranomásias: Pigafetta lembra “fetta”, a mulher, a chuva lembra o choro, Bali está em Balibó. As figuras retóricas revelam um sistema de equivalências da tradução, simultaneamente fiel e traidor, indício e superstição. Nelas se define o tradutor, empenhado numa troca de valores que, como sublinhava Goethe, sempre é imperfeita e inverosimilmente eficaz. Ineficaz é desejar que a troca não exista, sonhando com uma linguagem transparente em que cada signo designe um único referente. O que ficaria depois em cada nome que pudesse passar através do espaço e do tempo, considerando a alteração da matéria e a percepção do universo (diverso)? “Tantos os nomes que lhe cobriam a identidade. Como as folhas de uma cebola” (*Ibid.*, 189) que se descasca até desaparecer...

The balance of credit and loss remains a distinguished mark of national versus world literature: literature stays within its national or regional tradition when it usually loses in translation, whereas works become world literature when they gain on balance in translation [...]. (Damrosch *in* D’haen; Domínguez; Thomsen, 2012: 203)

3. “World literature is not a set canon of texts but a mode of reading: a form of detached engagement with *worlds beyond our own place and time*”

Trair a história é ficar-se pelos factos visíveis. Ou pelos registos do calendário de bordo, de que passou a duvidar Pigafetta, o cronista. No romance se demonstra que não se deve acreditar no que dizem as fotos. Como sucedeu com as de um governador português que pretendia realizar uma exposição em Portugal sobre os povos de Timor. Inventou-lhes uma identidade: “Algumas moças tiveram de baixar as lipas que lhes cobriam os seios. Para mostrar como viviam nas suas aldeias. Embora andassem cobertas havia muito. Batizadas. Algumas estudavam nos colégios das Clarissas” (Cardoso, 2013: 31). Trair a história é não ouvir a gente muda, como Pigafetta, a quem acabaram por cortar a língua. Trair a história é acreditar na imutabilidade das aparências, pois tudo muda com o tempo, como bem ensinam as lendas de Timor ou as *Metamorfoses* de Ovídio⁹. Trair a história é também acreditar nas palavras, não ser

⁹ Transcrevemos, como exemplo, as crenças em Ataúro, estudadas por Jorge Barros Duarte: “Se o espírito do morto não traz nenhum sinal e for, por isso, julgado bom pelo conselho dos espíritos dos seus antepassados, já não vai para *Lou-Mera* [caverna vermelha], mas deve ainda atravessar um longo processo de reencarnações [sic] zoomórficas, morrendo seis vezes sucessivas em forma de bichos, particularmente de lagartixa (*téki*) e de um passarinho chamado *manu-lélúli* (pássaro + sagrado). No

sensível à possibilidade de, noutras línguas e noutros tempos, elas significarem coisas muito diferentes.

At any given time, a fluctuating number of foreign works will circulate actively within a culture, and a subset of these will be widely shared and enjoy a canonical status, but different groups within a society, and different individuals within any group, will create distinctive congeries of works, blending canonical and noncanonical works into effective microcanons. (Damrosch *in* D'haen, Domínguez, Thomsen, 2012: 204-205)

O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação parte certamente de algumas particularidades timorenses. Há um nível em que o romance não dispensa o glossário final, as singularidades de uma nação com cerca de duas dezenas de línguas: duas oficiais, o tétum, com duas variantes, e o português; duas línguas de trabalho: o bahasa e o inglês, e ainda as de expressão regional, como o mambai, o fataluco, o ataurense, o becais, o galóli, o mucassai, baiqueno, o bunaque, o idalaca, o cauaimina, o lovaia, o macalero, o quemaque, o tolodede, o habo. Frutos dos fluxos comerciais da China, o hacá, o cantonês e o mandarim. Na verdade, cada timorense é uma torre de Babel.

[...] uma manta de retalhos de vários continentes. Um avô português (tinha de haver um avô português pelo meio) que tivesse casado com uma morena de Goa. Um pai crioulo e boémio que encontrou a felicidade junto de uma mestiça chinesa, filha de um desses desterrados de delito comum que vieram de Macau e se casaram com mulheres locais. (retrato de Isadora, Cardoso, 2013: 86)

Mas será só em Timor, lá “no fim do mundo”, que vemos a nossa face múltipla?

Se pudesse gostaria de andar sempre em frente. Em linha reta. Uma estrada que fosse sempre em frente e atravessasse a fronteira, a ilha, outras ilhas, outras fronteiras, continentes e mares. Se fosse sempre em frente, tinha a certeza de que tempos depois havia de regressar ao mesmo sítio. Foi isso que lhe disse o sacristão Pigafetta quando disse que a Terra era redonda.” (Cardoso, 2013: 209-210)

Com efeito, segundo o mito da enguia contado na ilha de Ataúro, no princípio tudo foi terra firme. E a terra era só uma (Duarte, 1984: 211).

BIBLIOGRAFIA:

BUESCU, Helena Carvalhão (2013). *Experiência do Incomum e Boa Vizinhança. Literatura Comparada e Literatura-Mundo*. Porto: Porto Editora.

CARDOSO, Luís (2013). *O ano em que Pigafetta completou a circum-navegação*. Porto: Sextante.

DAMROSCH, David (2003). *What is World Literature?*, Princeton/Oxford: Princeton University Press.

DAMROSCH, David (2009a). *How to Read World Literature*. Chichester, West Sussex: Wiley-Blackwell.

fim deste processo de metempsicose, o espírito bom transforma-se em nuvem ou névoa branca, muito leve e ténue” (Duarte, 1984: 274).

DAMROSCH, David (Ed.). (2009b). *Teaching World Literature*. New York: Modern Language Association.

D'HAEN, Theo & DOMINGUEZ, César & THOMSEN, Mads Rosendahl (Eds.). (2012). *World Literature. A Reader*. London/New York: Routledge.

DUARTE, Jorge Barros (1984). *Timor. Ritos e mitos atávicos*. Lisboa: ICLP/Ministério da Educação.

FIGUEIRA, Dorothy (2017). [The Frontiers of Knowledge: Shouldn't the Other Speak her Own Language?](#). *Cadernos de Literatura Comparada: Interdisciplinaridades*, n.º 37, 37-52. Porto: Instituto de Literatura Comparada. Disponível online: <http://ilc-cadernos.com/index.php/cadernos/issue/view/30> (acesso a 20/3/2019).

FIGUEIREDO, Fidelino de (1962). *Ideário Crítico de....* Org. Carlos Assis Pereira. São Paulo: Universidade de São Paulo.

GOETHE (1996). *Écrits sur l'art*. Trad. Jean-Marie SCHAEFFER. Introd. Tzvetan TODOROV. Paris: Flammarion.

GOMES DA SILVA, Maria Graciete (2013). Literatura-Mundo ou A abolição do rectilíneo. *Anuario de Literatura Comparada*, n.º 3, Salamanca, 33-44. Disponível online: revistas.usal.es/index.php/1616_Anuario_Literatura_Comp/article/.../12770 (acesso em 20/3/2019).

MALATO, Maria Luísa (2016). Fidelino de Figueiredo e os avatares da Literatura Comparada. In *Fidelino de Figueiredo: Travessias. Estudos de Filosofia e Literatura* (pp. 339-363). Campinas: Pontes Editores.

MILHAZES, Ana (2016). O medo da História e as palavras que convencem demais em Fidelino de Figueiredo. In *Fidelino de Figueiredo: Travessias. Estudos de Filosofia e Literatura* (pp. 31-40). Campinas: Pontes Editores.

PIGAFETTA, Antonio (s. a.). *Relazione del primo viaggio in torno al mondo* [1524]. Disponível online: <https://www.liberliber.it/online/autori/autori-p/antonio-pigafetta/relazione-del-primo-viaggio-intorno-al-mondo/> (acesso em 11/3/2019).

RODITI, Eduardo (1989). *Magalhães do Pacífico*. Trad. Inês de ORNELLAS E CASTRO. Lisboa: Assírio e Alvim.

SEGRE, Cesare (1983). Intertestuale-interdiscorsivo. Appunti per una fenomenologia delle fonti. In *La parola ritrovata* (pp. 15-28). Palermo: Sellerio Editore.